

Pranto da aflição



O Congresso anda num alvoroço, na agitação de clima de motim contra o governo. Ouve-se por toda parte, de todas as bocas, nas rodas que se formam

e se desfazem a cada momento, queixas e críticas ao governo que não abranda o comportamento autoritário nem parece sensível ao recado indireto das urnas.

Se agora, no fim de festa dos dias derradeiros da legislatura, o clima está tenso, imagine-se o que virá por aí quando arribarem os salvados da enxurrada de abstenções e de votos brancos e nulos.

Parte das explicações para a excitação que grassa no Legislativo deve ser procurada no fundo das urnas e na análise dos resultados. Apenas uma parte da inquietação deve-se a razões internas. A outra fonte de preocupações está fora, é a mesma que sombreia a jovem fisionomia de Dona Zélia com fundas olheiras escuras e a impele à iniciativa de desmentidos aos boatos sobre seu estado de saúde.

A ministra pode estar na melhor forma física. O resto vai mal. E quando as coisas não vão bem, o diabo atenta e pipocam problemas de todos os lados.

Ora, o governo esforça-se para transmitir tranqüilidade e confiança no êxito final da luta contra a inflação. Este é o seu papel e não lhe resta nenhum outro. Difícil é acreditar na calma oficial quando os sinais de impaciência estão visíveis e se espalham como boatos, infiltrando-se por todas as frestas.

Não adianta gastar palavras, teimar em desmentidos. O governo precisa de dados, de resultados.

Até que o quadro reverta, temos que conviver com fantasmas da crise reincidente batendo às portas as pancadas que anunciam seu regresso indesejado.

O Congresso não se arruma em fim de mandato. Também não promete trégua para a transição. A irritação de agora, que se aprofunda e aalastra, transfere-se para o amanhã: o novo Congresso promete constituir-se em foco de sobressaltos para o presidente e seu desengonçado governo.

Não há muito o que se possa fazer de imediato. Em todo o caso, vale tentar. Sempre é melhor do que cruzar os braços e esperar o pior.

Ora, o Congresso redobra a agressividade contra o governo em apuros não apenas porque está envolvido pelas mesmas apreensões que a todos acometem, mas pela clássica manobra de malhar o próximo para desviar a atenção dos seus erros.

É mais fácil, mais cômodo e dói menos atacar culpas alheias e empurrar as próprias para o canto do esquecimento. O governo atravessa período negro, acutilado por cobranças de todos os lados. Mas, o Legislativo não pode simplesmente dar a volta por cima dos seus erros e jogar pedras no telhado envidraçado do governo.

Pouco a pouco, a medida que o caldo da crise engrossa com a inflação fugindo ao controle e abanando reivindicações salariais que não podem ser represadas, o pito do voto vai resvalando para o buraco do consumado. Muito poucos ainda falam em aprofundar a avaliação dos resultados do primeiro turno e ninguém parece preocupado com o bis do desastre no segundo turno.

Estamos a 12 dias da eleição para decidir a escolha de 16 governadores em estados da importância de São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Paraná. Eleição com todos os ingredientes para convocar o apaixonado interesse de todo o país. Guardadas as proporções, previa-se, com os melhores argumentos, 16 repetições estaduais do mano a mano entre Collor e Lula na reta de chegada da eleição presidencial.

Pois não está acontecendo nada ou quase nada. Salvo as exceções que correm por conta de velhas rivalidades regionais exacerbadas, a campanha escorre morna e frouxa e não consegue transpor fronteiras estaduais. Nacionalmente, o segundo turno não existe. A campanha não pegou, não está acontecendo. Não é por falta de cobertura da imprensa. Ao contrário, jornais, rádios e televisões estão dedicando mais espaço ao noticiário de campanhas absolutamente insossas do que a capacidade de absorção do público.

Ainda agora, o Ibope fisgou no seriado de pesquisas para o consumo dos fanáticos a surpreendente e didática revelação de que os índices de tendência de votos em branco, nulos e de abstenções crescem com o horário de propaganda eleitoral.

Fantástico e irrespondível: a xaropada da propaganda nos 40 minutos diários

das redes estaduais está tão intragável e frustrante — reduzida à competição entre agências que produzem programas para vender candidatos que se escondem, fugindo dos debates —, que está produzindo resultado inverso: ao invés de atrair o eleitor, afugenta o voto.

Pudera: o segundo turno deveria ser a hora e vez de rodadas emocionantes de debates. São apenas dois os classificados; a campanha vem embalada do primeiro turno e falta a apenas o empurraço do confronto direto entre os candidatos levado à casa do eleitor para a definição do voto.

Pelo visto, só teremos debates em São Paulo, entre Fleury e Maluf, marcado para o próximo dia 18, com todas as características de decisivo de eleição indefinida, apesar daligeira vantagem do candidato do governador Orestes Queríca nas pesquisas, e no Rio Grande do Sul, ontem acertado entre Alceu Collares e Nelson Marchezan. Nos outros estados, ressalvada a possibilidade de uma outra exceção, a regra é a fuga sob os mais variados e desaiosos pretextos.

Não se tem notícia, em qualquer tempo, de candidatos agraciados com tal desperdício milionário de tempo em rede de rádio e TV. Essa fortuna está sendo dissipada num festival de ofensas, xingamentos ou em programas produzidos em estúdios por especialistas em vender produtos de consumo de massa.

Pois está mais difícil vender candidato do que o primeiro sutiã.